

BRENNER, Michael. *Breve História dos Judeus*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013. pp. 375.

*Armando Rafael Castro Acquaroli**

Michael Brenner, autor de diversas publicações, desta vez chega ao Brasil por meio de uma de suas preciosidades: *Breve história dos judeus*. Publicada originalmente na Alemanha, em 2008, com o título *Kleine Jüdische Geschichte*. Traduzido do alemão para o inglês e deste para nosso idioma, aparentemente não perdeu sua riqueza.

O autor, Michael Brenner, estudou em Heidelberg e em Jerusalém, sendo Doutor em História Judaica pela Columbia University. Atualmente é professor de história e cultura judaicas na Universidade de Munique, presidente do Centro de Estudos Científicos do Instituto Leo Baeck, na Alemanha, e membro do Comitê de Orientação Acadêmica do Museu Judaico de Berlim.

O repto a que se propõe não é fácil, “*pois praticamente todos os povos da Terra não só já ouviram falar do povo judeu, como também têm uma opinião formada sobre ele*” (p. XXX – Prefácio). Numa escolha metodológica bastante acertada, inicia cada um dos 20 capítulos contando algum deslocamento. Isso devido ao caráter predominantemente errante da história dos judeus. Interessante notar, ainda, as diversas ilustrações que aparecem ao longo do livro, extraídas dos mais famosos artistas plásticos como Rembrandt até os mais desconhecidos judeus, mesmo que com grande talento. Essa é uma estratégia herdada da tradição oral.

Vale destacar o prefácio à edição brasileira, feita por dois historiadores muito competentes. Souberam apresentar (pp. XV-XXVIII) em brevíssimas palavras dados históricos, estatísticos, culturais e religiosos que foram marcantes nos imigrantes judeus chegados ao Brasil.

Além disso, a obra possui uma boa lista de sugestões de leitura, elencadas no final (pp. 356-361), o que torna seu discurso plausível e

* O recensor é graduando em Teologia pelo ITESC, Florianópolis, SC.



sério do ponto de vista científico. Ainda que não tenha sido assinalada pelo autor, é patente sua opção por não fazer citações e notas de rodapé. Devido a esse fato, o texto é muito leve e de agradável leitura. Isso ainda é enriquecido com um apêndice (pp. 354-355) no qual constam dados numéricos de acordo com o período e a localização em que mais se concentraram os judeus nos últimos séculos. Os demais dados constam esparsos no livro.

Nos dois primeiros capítulos (pp. 1-28) há um destaque para a formação de Israel na perspectiva bíblica mítica, na qual Abraão, seguindo o “*Lech-lechá* (*‘sai’*)” (p.1) vai em direção ao desconhecido, seguindo o Deus que a ele se revelara, abandonando os deuses de seus pais. Outrossim, aparece a perspectiva mais crítica, passando pela tese dos “*habiru*” (p.11) até a formação do monoteísmo que se consolida concretamente somente no Exílio e Pós-Exílio.

E com a volta do Exílio na Babilônia configura-se uma nova autoimagem, segundo a qual os israelitas se tornam os judeus, em referência ao antigo reino davídico. Desse modo, os restos de uma antiga elite que voltava “*ostentando os sinais de uma comunidade de sangue, tomaram forma como novo Israel*” (p. 21). É importante ainda recordar os profetas, cuja mensagem tinha um caráter sobretudo social. Muito bela é a imagem de Is 2,4 “*das espadas farão relhas de arado*”, artisticamente expressa em uma escultura que se encontra nos jardins do edifício da ONU, em New York e que, portanto “*ultrapassa os territórios judeus, e serve como símbolo universal da paz mundial*” (p. 23).

Nos capítulos 3, 4 e 5 (pp. 29-64) vemos traços da “*influência da cultura helenística na cultura judaica da época do Segundo Templo*” (p. 34), uma das quais foi a tradução da LXX. Vale destacar a tentativa de formação do estado judeu no levante dos Macabeus. Seu êxito, porém, é contestável, visto que gerou menos união e mais guerra civil entre os que queriam a assimilação com os gregos e os que eram contra. No entanto, apesar das grandes tribulações pelas quais passou, o Templo de Jerusalém resistiu por meio milênio, até a destruição pelos romanos em 70. Nesse período estima-se que a “*população total da Judeia reduziu-se em cerca de um terço*” (p. 49).

A diáspora, a partir de então, se legitima. Sob a lenda segundo a qual Yohanan Ben Zakai teria escapado de Jerusalém em um esquife, e convocado uma assembleia, nasce a Academia de Jâmnia. Nos próximos três séculos escreve-se, na chamada Tradição Oral, a Mixná e a



Guemará, que juntos formam o Talmude. Aqui talvez tenha havido um erro de tradução, pois o autor diz que “*a Guemará também é chamada de Talmude*” (p. 52), o que não é exato. Não se pode esquecer do papel fundante de outro judeu, Jesus, que, devido às controvérsias com os cristãos, é um personagem que “*não ocupa lugar significativo na consciência dos judeus posteriores*” (p. 58).

Nos próximos três capítulos (pp. 65-110) passa-se pelas hordas muçulmanas e as dificuldades, sobretudo econômicas, impostas aos que não aderiam à religião oficial. No entanto, em Medina e outros lugares havia um profundo respeito pelas tradições judaicas, inclusive com a veneração do profeta Ezequiel, a cujo túmulo se peregrinava (cf. p.72).

Chegando à Espanha, os judeus alcançaram projeção em certos ambientes. Diz-se que, mudando-se para Córdoba, Rabi Moisés Henoc começou a estudar com outro mestre. Este, “*ao ouvir as doutas observações de seu novo aluno (...), renunciou imediatamente ao cargo e indicou o Rabi Moisés como novo rabino chefe e juiz da cidade*” (p. 79). Temos nesse período a “Era de Ouro”, na qual sobressaem-se grandes nomes como Maimônides, para quem “*apenas o estudo da filosofia pode elucidar o sentido profundo do texto bíblico*” (p. 86). Com o avanço em direção à Alemanha, despontam dois grandes grupos, a saber, os Sefaradim (na Península Ibérica) e os Azquenazim (na parte germânica). Mas, independente de suas diferenças, durante as cruzadas eram atacados ambos os grupos, de modo que muitos viam como única solução a conversão ao cristianismo.

Na arte, uma figura significativa é aquela na qual a Igreja Católica é apresentada de maneira triunfante sob a imagem de uma mulher. Em contraste, a sinagoga (também uma mulher) é vendada, “*representando a cegueira à mensagem cristã*” (p. 97), tendo as tábuas da Lei caídas. Nessa época, surge a terrível lenda segundo a qual os judeus teriam usado sacrifícios humanos em seus rituais, o que os tornava abomináveis. Essa calúnia, acompanhada da pecha do deicídio, perdurou por muitos séculos, a do deicídio até poucos anos atrás.

Nos capítulos 9 a 12 (pp.109-190) vamos de Lisboa, passando por Roma, e Polônia até Berlim, num longo caminho de humilhações e recomeços. Em Portugal, diferente da Espanha, que os perseguiu na Inquisição, os judeus gozavam de certa condescendência do rei, porque seriam importantes para o comércio do país. Ainda assim, representavam um “grave perigo” como “cristãos novos” que se convertiam, mas man-



tinham muitas de suas práticas antigas. “*Ao longo de várias gerações, a maioria adotou de fato a religião cristã*” (p. 113).

Já na Itália, com a criação dos guetos, a política de segregação não funcionou, visto que os judeus e os cristãos participaram juntos na Renascença, “*contribuindo com suas conquistas*” (p. 123). Sob os auspícios de movimentos messiânicos nos séculos XVI e XVII surgiu também um “*novo sistema de pensamento místico, a Cabala Luriânica*” (p. 133). Já na Polônia, a acolhida foi muito melhor, de modo que, no testemunho de um judeu erudito da época: “*Neste país o ódio contra os judeus não é tão furioso quanto na Alemanha. Que tudo permaneça assim até a chegada do Messias*” (p. 140). Com isso se deduz a situação na Alemanha. Dali é interessante destacar Mendelssohn, na primeira metade do século XIX, cujo contributo no diálogo é vivaz. Bela é sua expressão na qual o judaísmo é visto “*não como uma religião revelada, mas como uma legislação revelada*” (p. 168).

Nos próximos dois capítulos (pp. 173-204) temos a saída dos guetos em direção à sociedade civil. Muitos aderiam ao batismo para usufruir de seus privilégios, visto que “*era uma porta de entrada para a cultura europeia*” (p. 180). Destacam-se algumas inovações como a introdução do órgão na sinagoga, em 1810, na Alemanha. Isso era inconcebível em um culto tradicional, devido ao sofrimento pela destruição do Templo, o que excluía a música instrumental na sinagoga; também por ser a cópia de um costume cristão; e porque não poderia ser tocado no Shabat, visto ser “*uma forma de trabalho*” (cf. p. 184). Além disso, nos EUA algumas mudanças foram implementadas como resposta à apatia religiosa, com uma nova autoconfiança judaico americana, como se exprime Gustav Poznanski: “*Esta sinagoga é nosso templo; esta cidade, nossa Jerusalém; esta terra feliz, nossa Palestina*” (p. 196). Isso veio acompanhado de uma reforma hermenêutica que chegou a dizer que somente as leis morais da Bíblia tornaram-se obrigatórias. “*As leis alimentares e as prescrições relativas à vestimenta já não eram vinculantes*” (p. 199); “*não se deveria esperar mais o retorno a Sião, pois a era moderna já promovera a realização dos ideais messiânicos*” (p. 199).

Nos capítulos 15 a 18 (pp. 205-290) parte-se do *shtetl*, passando pelo Lower East Side, por Budapeste e Romênia. Sob o domínio dos czares e a forte influência da Igreja Ortodoxa, havia o problema do serviço militar que se estendia muito, podendo culminar em até 25 anos. Desse modo, “*um grande número de meninos assim recrutados – cerca de 50*



mil” (p. 208) se converteram do judaísmo à Ortodoxia Cristã. Entre os russos também surgiram os “pogroms”, cuja violência derivava do fato de verem os judeus como um “*câncer social*” (p. 219). Isso deu margem às teorias de conspiração, como o “*Protocolo dos Sábios de Sião*”, mais tarde traduzido em muitas línguas e “*divulgado em inglês pelo fabricante de carros Henry Ford*” (p. 221).

Sobre a chegada no Lower East Side, em Nova York, é bela a resposta à sua própria pergunta, feita por Anzia Yezierska: “Onde está a terra dourada dos meus sonhos?”. Ela diz “*Todos nós saímos em busca da América. E, na própria busca, nós a criamos. A qualidade de nossa busca fará a qualidade da América que criarmos*” (p. 231). Além disso, Brenner, após comentar mais tragédias na Hungria, passa a Herzl, para o qual “o que unia todos os judeus era sua ancestralidade comum, sua história e o fato de serem rejeitados pela sociedade ao redor” (p. 240). Com ele, surge o *Primeiro Congresso Sionista em Munique*.

Já nas ruas das cidades Iranianas, os judeus “*eram insultados, cuspidos e às vezes espancados. Não podiam sair de casa quando chovia, pois temia-se que sua impureza fosse carregada pela água e maculasse os muçulmanos*” (p. 250). No entanto, registram-se alguns casos de acolhida pacífica naquele país. É interessante notar que, segundo o autor, os judeus não eram os únicos a sofrer intensa pressão: “*os ucranianos na Polônia, os húngaros na Romênia, os alemães na Tchecoslováquia – todos eles viviam como minorias em Estados nacionais dominados por outra maioria étnica*” (p. 271).

Após a Primeira Guerra Mundial, a situação dos judeus melhorou um pouco. Tiveram relevante papel na vida cultural europeia: basta pensar, na literatura, em Franz Kafka; na música, Arnold Schönberg; na direção teatral, em Max Reinhardt; na arquitetura, em Erich Mendelssohn; ou, ainda, em Albert Einstein e Sigmund Freud. Com Martin Buber, foi criada a noção de renascença judaica, o que fez “*muitos judeus de famílias assimiladas tomarem nova consciência de seu judaísmo*” (p. 279). Outrossim, as comunidades judaicas se reconfiguraram tornando-se “*Volksgemeiden (comunidades étnicas)*” (p.281).

No capítulo 19 (pp. 291-316) trata-se da *Shoah*, o terrível massacre de Auschwitz. Sob o canto de meninas judias fadadas à morte cruenta, milhões de prisioneiros entravam nesse campo de concentração para nunca mais sair. Não obstante, a Alemanha não foi o único país a usar leis anti-semitas no período entreguerras. Isso fora feito também pela



Romênia, que cassou a cidadania dos judeus. E na Hungria e Polônia restringiu-se seu acesso à universidade. Nomes como Einstein e Husserl foram inferiorizados devido à sua raça.

E, segundo a visão do autor, bastante permeada de clichês, “*a maior decepção foi causada pelas Igrejas*” (p. 295). A Igreja Confessional apoiava somente os “cristãos não arianos, ou seja, os judeus convertidos ao cristianismo e seus filhos.” (p. 296) E, ainda que a maioria dos católicos rejeitasse Hitler, em 1933 “*o Vaticano celebrou uma concordata com a Alemanha hitlerista*” (p. 296). Além disso, há destaque para a *Kristallnacht*, que foi, “*sem meias-palavras, a noite do Pogrom do Reich*” (p. 301). Após um processo de constante perseguição, não se sabia onde “depositar” tantos prisioneiros. A solução, sob a justificativa de Himmler, foi o genocídio, por necessidade biológica, pois, segundo ele, “*não queremos adoecer e morrer do mesmo bacilo que exterminamos*” (p. 308). Mesmo com as inúmeras tentativas de salvar próximos e amigos, não foi possível evitar a morte de “*5,6 a 6,5 milhões de judeus*” (p. 315).

No último capítulo (pp. 312-352), vemos o mundo judaico após o Holocausto. Mesmo com o término da Guerra, os maus-tratos continuaram. Em 1946, por exemplo, os judeus que ousaram retornar à Polônia sofreram violentos ataques. Assim, o desejo de tornar à Palestina pouco a pouco foi se tornando mais concreto, até que em 1947 aceitou-se a criação de um estado judeu. Porém, para que isso acontecesse, “*quase setecentos e cinquenta mil palestinos tiveram de fugir de suas casas no decorrer da guerra*” (p. 321), declarada pelos estados árabes da região. Em 1950 aprovou-se uma lei em que todos os judeus têm direito à cidadania israelense.

Já na América Latina, o “*antisemitismo desempenhava papel de destaque nos círculos de direita que rodeavam os governos militares*” (p. 334). Enquanto isso, nos EUA, a influência dos judeus e sua simbólica no cinema foi marcante. Alguns exemplos são o Super-Homem, cujo nome originário é Kal-El (o Deus que é Luz); ou ainda o Sr. Spock, cuja saudação lembra a benção sacerdotal judaica (cf. p. 337). E no que tange à religião no dito país, a mudança mais importante foi o lugar das mulheres na sinagoga, que passaram a desempenhar papel mais ativo: “*eram computadas no estabelecimento do mynian (o quórum de dez adultos necessários para a oração)*” (p. 340). Outrossim, houve a ordenação de rabinas; a aceitação de gays e lésbicas como rabinos, e o Baith Mitzvá, como iniciação das mulheres às práticas judaicas.



À guisa de conclusão, o autor ressalta a divulgação que foi feita de filmes, documentários e memoriais, que “*ajudam a manter os horrores do passado diante da consciência do grande público (...). Não Obstante, ainda há quem negue o Holocausto*”! (p. 350). Numa feliz frase de síntese, assim Brenner conclui sua obra: “*Não podemos saber o que o futuro reserva para os judeus do século XXI, mas é certo que a história deles continuará fascinando a humanidade por muitas gerações*” (p. 352).

Quanto à revisão, o texto é excelente, tanto do ponto de vista da tradução, quanto da gramática. Numa próxima edição, precisaria apenas substituir, na p. 318, o termo “tribulação” por “tripulação”.

Certamente, aos que estão iniciando a caminhada de estudos judaicos, esse livro serve como prolegômeno, visto que, ao apresentar as diversas fases da história, sempre sinteticamente, ficamos com vontade de aprofundar o que foi abordado. E encontramos o suporte para uma pesquisa mais desenvolvida nas referências que o autor nos oferece. Não podemos esquecer que é uma “Breve” história e não um grande tratado, mesmo que seu conteúdo seja rico.

E-mail do Recensor:

armandoacuaroli@hotmail.com



Dois Cânticos Sacros em Múltiplos Tons

REITZ, Raulino, *Paróquia de Sombrio*, 1948 e BESEN, José Artulino, *Nossa Senhora do Desterro*, 1713-2013

Celestino Sachet*

Em 31 de maio de 1948, a paróquia de Sombrio, sob a responsabilidade do vigário João Reitz, festejou o décimo aniversário de criação. Dentro das solenidades programadas para o evento, João Reitz solicitou a seu irmão, Raulino Reitz, ex-coadjutor da paróquia e professor de Ciências Naturais no Seminário Arquidiocesano de Azambuja, que organizasse um livro sobre os dez anos de atuação da festejada entidade regional. E a historiografia catarinense de caráter religioso abriu importante espaço com a obra *Paróquia de Sombrio. Ensaio de uma monografia paroquial*.

Numa das primeiras páginas do texto, o Autor declara ter organizado um trabalho estatístico-descritivo sobre a terra, o povo e a realidade religioso-social. No decorrer dos tempos, a obra tornou-se fonte de pesquisa histórica tendo como centro a fé e a devoção do povo catarinense do Sul do Estado.

No desempenho da tarefa fraterna, Raulino Reitz costura em ensaio de quase duas centenas de páginas que, à primeira vista, pode parecer muito espaço para a vida de uma paróquia interiorana. Ocorre que das cinco partes do texto, apenas a primeira (p.6-93) está debruçada sobre a Evolução religiosa de Sombrio: as outras quatro partes – Situação física, Situação econômica, Situação social e Situação administrativa –, dançam temas particulares um tanto afastados do altar ou das tarefas evangelizadoras, como é o caso dos subcapítulos: Orografia, Monumentos naturais, Hidrografia, Clima, Riquezas minerais, Riquezas vegetais, Fauna.

Temas particulares um tanto afastados do centro? Não é bem assim, como se verá um pouco mais à frente.

Passados 65 anos desde a edição do *Paróquia de Sombrio*, o padre José Artulino Besen, professor de História da Igreja no Instituto Teológico

* O recensor é Membro da ADL, Academia Catarinense de Letras e do IHGSC, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



de Santa Catarina, e com vários livros publicados sobre a especialidade, comparece na atual historiografia catarinense com a ***História de Nossa Senhora do Desterro. Na Ilha de Santa Catarina. 1713-2013.***

Na abertura do trabalho, o Autor avisa que, para não reduzir a pequena história de uma paróquia da Ilha de Santa Catarina ao edifício histórico da Catedral, o trabalho está centrado nas pessoas que deram corpo à realidade ilhoa: índios, navegadores, portugueses, bandeirantes, negros, açorianos, imigrantes, hoje escondidos no DNA de cada morador da Ilha de Santa Catarina. (p. 15).

Como método de trabalho para a obra, ficou decidido partir do geral para o particular e articular o particular com o geral, cabendo ao leitor a interpretação dos fatos narrados.

Prefiro que os documentos falem e que a partir deles sejam sugeridas reflexões econômicas, sociais, psicológicas, culturais e antropológicas. (p. 15).

Essa fidelidade ao documento levou o Autor a meter-se em temas desconfortáveis para a historiografia paroquial da Ilha. Em 1776, o governador Francisco de Sousa Menezes deixou escrito seu ponto de vista sobre o comportamento nada religioso de alguns padres da Ilha: um deles é ignorantíssimo, desconfiadíssimo e sumamente vaidoso; um outro, é soberbo, sacrílego e blasfemo; outro mais, um selvagem quadrado. Mas, justiça se faça ao clero daquela época, havia também perfeitíssimos clérigos. (p. 77-78). Besen se apressa em esclarecer que não tem claro se a opinião de Sua Excelência é fruto da realidade ou de preconceito!

A fim de possibilitar a mais ampla gama de reflexões particulares do eventual leitor, José Besen amarra a obra de 422 páginas em 12 capítulos e mais de uma centena de subcapítulos. Dentro dessa alargada linha de temas, percebe-se forte parentesco entre os nove primeiros, que pregam as particularidades históricas. Só os três seguintes estão enredados com os focos necessários para reconhecer a paróquia em estudos: a Catedral metropolitana, os vigários e os coadjutores. E, nessa área, a constatação do pesquisador é trágica: *A Ilha de Santa Catarina viveu mais de 200 anos sem estrutura paroquial, sem vigário residente.* (p. 210).

Tanto a obra de José Besen sobre a paróquia da Capital, quanto a de Raulino Reitz sobre a paróquia de Sombrio, ambas estão organizadas em torno do ponto de vista de que a História não é um único aconteci-



mento já acontecido mas submerso no passado à espera de ressurreição: a História é uma soma de acontecimentos acontecentes pela *atualidade* do discurso do analista, preso a um amplo número de áreas afins, áreas trazidas ao espetáculo da luz que o leitor tanto deseja.

Sem a coragem de entrar pelos meandros das diferenciadas correntes sobre o conceito da História que atormentaram a Europa esbaforida ao longo do século passado – remember 1914 e 1939 – sob o chicote da autoridade francesa da revista *Annales* ou da designação *Nova História*, é de admitir, hoje ainda, que o fato histórico para ser trazido à gostosa ressurreição da contemporaneidade deve abarcar e abraçar diferenciadas e, até, antagônicas áreas do conhecimento, tantas vezes quanto o maestro julgar necessárias para atender ao refinado gosto do ouvinte.

José Besen, com alargados olhos indagadores, levanta a *biografia – atual e escondida –*, da pauta de um espetáculo tricentenário para captar uma larga fatia da história do catolicismo catarinense.

Preocupado com a *pequena história* numa pequena ilha brasileira, o Autor esclarece que a obra está soldada em nove diferentes pautas correndo em paralelo, como o miolo de uma história caminhante. Para curtir esses alargados tons no seu conjunto, há necessidade de ouvir as pautas específicas de outros temas: A paróquia e seu povo; Nossa Senhora do Desterro e os açorianos; A Igreja do regime do Padroado, – o Rei reinando, – e como! nos assuntos internos da Igreja; liturgia, catolicismo popular e irmandades; o negro; a Beata Joana de Gusmão e o Irmão Joaquim; obras de misericórdia e obras sociais; colégios, escolas e jornais; padres em Nossa Senhora do Desterro e no Continente. Só nos capítulos X, XI e XII, e respectivos subtemas, o texto se debruça sobre a pauta central do cântico: A matriz Catedral, vigário e coadjutor. Cada capítulo solidifica a microhistória de um universo particularizado.

Sobre a Catedral-edifício, José Artulino Besen pisa fundo na defesa da finalidade religiosa do templo:

No caso da Catedral, um aspecto não pode ser ignorado: a igreja matriz Nossa Senhora do Desterro é um templo religioso vivo, não um museu, é casa de oração e de celebração que pertence ao povo que a edificou e a frequenta, e o espaço sagrado de uma comunidade de fé. (p. 247).



Entramos aqui na pauta de um cântico do futuro: não me venham com vozes destoantes: as múltiplas vozes de 2013 não podem desafinar amanhã. Os que estiverem presentes a esse novo espetáculo estão dispostos a comparar as novas pautas, para que elas sejam reconhecidas como a sequência autêntica dos tons que se fizeram ouvir durante 300 anos, de 1713 a 2013.

Endereço do Recensor:

Rua Alves de Brito, 447/801

88015-440 Fpolis, SC



FELLER, Vitor Galdino (org.), *A nobre simplicidade da Liturgia*, Florianópolis, FACASC, Faculdade Católica de Santa Catarina, 2014, Nova Letra Gráfica e Editora, 407 p.

*Ney Brasil Pereira**

Do Prefácio, assinado pelo Organizador, na p. 11: “A nobre simplicidade da Liturgia e o respeito pela Tradição da Igreja foram o mote do magistério teológico, litúrgico e pastoral do **Pe. Valter Maurício Goedert**. Professor de diversas disciplinas da área no ITESC e, depois, na FACASC; professor convidado do *Studium Theologicum* de Curitiba; escritor de livros e artigos sobre temas litúrgicos em geral, sobre cada um dos sacramentos, sobre o diaconato permanente; coordenador, há mais de trinta anos, da Escola Diaconal São Francisco de Assis, que formou mais de 230 diáconos permanentes para a Arquidiocese de Florianópolis, para outras dioceses do Estado catarinense e do Sul do país; assessor convidado em diversos encontros nacionais e internacionais para tratar da formação e da organização do diaconato permanente; coordenador, durante muitos anos, do Ministério extraordinário da distribuição da Sagrada Comunhão na Arquidiocese; poeta do cotidiano, que canta os louvores do Senhor nas pequenas coisas... em toda a sua obra, Pe. Valter tem sido um homem nobre e simples.

Nobre e simples é este livro-homenagem que lhe oferecem o ITESC e a FACASC, para comemorar seus 70 anos, metade dos quais dedicados ao magistério teológico nessas instituições formadoras do presbitério, do diaconato e do laicato catarinenses. Nobre, porque contamos com artigos de alto teor de profundidade e sabedoria, elaborados por especialistas na área da liturgia, por colegas professores e por ex-alunos. Simples, porque se trata de reflexões que concernem ao cotidiano da liturgia, ao modo como se celebram os sacramentos da fé, como se articulam e organizam os ministérios eclesiais, sobretudo o diaconato, ao qual Pe. Valter tem dedicado boa parte de sua agenda sacerdotal. A Associação dos Liturgistas do Brasil, ASLI, também presta sua homenagem ao Pe. Valter, um de seus sócios fundadores” (p. 12).

* O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas, professor na FACASC, Florianópolis e, como músico, regente do Coral da Catedral e membro da Equipe de reflexão de Música Litúrgica da CNBB.



O livro começa com a “*Carta a um amigo que é sacerdote, nos seus 70 anos*”, que o prof. Carlos Martendal escreve a Pe. Valter. Com a entrevista biográfica intitulada “*Eis-me aqui, envia-me. Conversando com Pe. Valter*”, o Prof. Pe. José Artulino Besen leva o homenageado, com perguntas perspicazes e envolventes, a revelar-se em sua personalidade e em seu ministério, seu ser e agir. Em seguida, nosso livro-homenagem apresenta diversos artigos, num total de dezessete, que tratam das questões que têm absorvido o dia a dia de Pe. Valter. Ao redor da grande temática da Liturgia, desenrolam-se temas relacionados ao sacerdócio comum do povo de Deus, à celebração da Eucaristia e da Palavra, aos sacramentos da fé, aos sacramentais, à pastoral litúrgica, ao diaconato permanente (cf. pp. 12-13). [...] No final do livro, às pp. 403-407, encontramos ainda a Bibliografia do homenageado, seus livros e artigos publicados.

Palavras finais do Prefácio: “Resta-me agradecer aos colaboradores, que se dispuseram em tempo hábil a escrever seus artigos, prestando, assim, esta cordial homenagem ao Pe. Valter. Agradeço, sobretudo, ao Pe. Ney Brasil Pereira, pela sugestão deste livro-homenagem e pela revisão de todos os artigos. Ao Pe. Valter, agradecemos pelo seu fecundo ministério junto à Igreja do Brasil e a Santa Catarina, junto à Igreja Particular de Florianópolis e, sobretudo, junto ao ITESC e à FACASC. Desejamos-lhe muitos e santos anos de vida” (p. 21).

Endereço do Recensor:

Caixa postal 5041 – ITESC
88040-970 Florianópolis, SC
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br